



Secretaria de Estado da Educação e Cultura

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

ANA RITA DE SOUSA OLIVEIRA

**AS TRANSFORMAÇÕES DA ESCRITA FORMAL COM
O SURGIMENTO DAS TECNOLOGIAS**

MONTEIRO - PB
2014

ANA RITA DE SOUSA OLIVEIRA

**AS TRANSFORMAÇÕES DA ESCRITA FORMAL COM
O SURGIMENTO DAS TECNOLOGIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Ms. Melânia Nóbrega Pereira de Farias

MONTEIRO - PB
2014

O48t Oliveira, Ana Rita de Sousa
As transformações da escrita formal com o surgimento das
tecnologias [manuscrito] : / Ana Rita de Sousa Oliveira. - 2014.
44 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró- Reitoria de Ensino Técnico, Médio e Educação a
distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Melânia Nobrega Pereira de farias,
Departamento de CCHE".

1.Escrita Formal. 2.Redes sociais. 3.Educação. I. Título.
21. ed. CDD 372.623

ANA RITA DE SOUSA OLIVEIRA

**AS TRASFORMAÇÕES DA ESCRITA FORMAL COM
O SURGIMENTO DAS TECNOLOGIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 14 06 /2014

Melânia Nóbrega Pereira de Farias

Prof. Ms. Melânia Nóbrega Pereira de Farias/UEPB
Orientadora

Cristiane Agnes Stolet Correia

Prof. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia
Examinadora

Adeilson da Silva Tavares

Prof. Ms. Adeilson da Silva Tavares/UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Pedro e Paulo, o sentido de
minha vida, **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são muitos, em especial à família e aos amigos que sempre me deram força, quando parecia não restar mais ânimo.

Agradeço a professora Melânia Nóbrega por todo apoio, incentivo e compreensão que teve ao longo deste trabalho.

Agradeço a minhas sobrinhas Larissa e Lavínea por estarem sempre me ajudando em minhas loucas jornadas na busca pelo conhecimento.

Agradeço a Kátia Carina Mesquita, por incentivar dizendo que Eu seria capaz, e de sentir –se orgulhosa por mim.

Aos amigos e companheiros de viagem no percurso Serra Branca/Monteiro, que fizeram nossos encontros divertidos e saborosos.

Muito obrigada!!! Vocês são pessoas muito especiais.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo” (Paulo Freire – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar e compreender o processo pelo qual a linguagem escrita formal vem sofrendo transformações

no universo das séries iniciais no ensino médio, tendo como ponto de partida para a investigação bibliográfica, as experiências vividas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Inovador Senador José Gaudêncio. Mudanças essa cada dia mais presentes em nosso cotidiano de educador. Através de literatura diversa, buscaremos compreender como os novos meios de comunicação e socialização: redes sociais, etc. vem contribuindo de forma cada vez mais latente para essa nova forma de expressão escrita. Diante das situações vivenciadas no cotidiano da sala de aula, e diante da análise dos inúmeros debates ocorridos no mundo acadêmico, busca-se com a presente pesquisa, compreender como esta “Linguagem Virtual” vem interferindo no universo escolar, nas formas de escrever e falar e perceber quais as dificuldades que os educadores enfrentam para adaptar-se ou não a essa nova realidade. Quais as transformações mais visíveis que a internet trouxe para a relação leitura-escrita e como os gêneros digitais poderiam ser utilizados, visando um ensino de leitura mais crítico e a uma produção de texto mais contextualizada nos componentes curriculares do universo escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita formal. Redes Sociais. Educação. Tecnologias.

ABSTRACT

The present work aims to analyze and understand the process by which formal written language has been undergoing transformation in the universe from the initial series in high school , taking as a starting point for the literature search , the experiences in the State School of Elementary and Secondary Education innovative Senator Joseph Gaudêncio . Changes that increasingly present in our everyday life as an educator . Through diverse literature , try to understand how new media and socialization : social networks , etc. . has contributed increasingly latent form for this new form of written expression. Given the situations experienced in everyday classroom, and on the analysis of numerous discussions in the academic world , we seek to present research to understand how this " Virtual Language " is interfering with the school environment , in the forms of writing and speaking and realize what difficulties educators face to adapt or not to this new reality . What are the most visible changes that the internet has brought the relationship to reading and writing and how digital genres could be used , seeking a teaching more critical reading and produce more contextualized text in the curriculum components of the education universe.

KEYWORDS: Formal Writing. Social Networking. Education. Technologies.

LISTA DE QUADROS

PÁGINA

Quadro 1- Lista de Emoticons	34
------------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

	PÁGINA
Figura 1 – Emoticons.....	35

LISTA DE SIGLAS

ENIAC - Computador Integrador Numérico Electrónico.

MEC – Ministério da Educação.

MIT – Massachusetts Institute of Technology (Instituto de Tecnologia de Massachusetts)

TIC - Tecnologias da informação e comunicação

TCP/IP - Transmission Control Protocol/ Internet Protocol (Protocolo de Controle de Transmissão/Protocolo de Internet)

SUMÁRIO

PÁGINA

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A ORIGEM DA ESCRITA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO.....	15
2.1 Socialização da Escrita.....	18
2.2 Surgimento da Escola.....	20
3 O SURGIMENTO DE TECNOLOGIAS CONSIDERADAS AO CAMPO DA EDUCAÇÃO.....	23
3.1 Alguns Avanços Tecnológicos Pontuais.....	25
3.2 As Transformações da Escrita com o Surgimento das Tecnologias.....	30
3.3 Inclusão das Tecnologias nas Salas de Aula.....	35
3.4 A Introdução da Mídia Digital nas Escolas Brasileiras.....	36
3.5 A Escrita Digital da Internet.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, o indivíduo buscou de forma incessante, alternativas para a comunicação entre seus pares, sendo este um elemento essencial para o processo de socialização entre os povos e a formação da sociedade. Mesmo antes do surgimento da Escrita, a comunicação acontecia por meio da fala e dos gestos, tendo a mesma surgido para suprir as necessidades do homem em controlar o ambiente onde estava inserido, tendo assim desenvolvido a possibilidade da organização do seu pensamento.

A escrita é um processo simbólico que possibilitou ao homem expandir suas mensagens para muito além do seu próprio tempo e espaço, criando mensagens que se manteriam inalteradas por séculos e que poderiam ser proferidas a quilômetros de distância¹.

Segundo Ribas (apud AMARAL, 2003), o processo de surgimento da escrita, desde os tempos mais remotos da humanidade impulsionou várias mudanças no surgimento da sociedade até o contexto atual, segundo a autora, a sociedade contemporânea está cercada dos mais diferentes recursos tecnológicos como aparelho celular, caixas eletrônicos nos bancos, internet, entre outros. Os avanços surgem com uma velocidade nunca vista em outros tempos.

Diante desta afirmativa, a pesquisa aqui apresentada, buscou compreender o dinâmico processo de transformação sofrido pela escrita formal, no universo escolar. Tentando analisar e compreender as novas formas de escrever do universo virtual, em especial das redes sociais. Analisando a influencia destes, desde o surgimento da escrita, até a compreensão da mesma.

Outro ponto a que esta pesquisa se destina, é entender como acontece a popularização da escrita formal, observando também o seu re-significado através das novas formas de comunicação escritas, surgidas nas redes sociais e meios de comunicação, sendo este os principais pontos de socialização entre educandos em todos os níveis educação/ensino.

Conforme Weber apud Pereira (2013), a neutralidade, é um procedimento investigatório onde surge primeiramente de questões exequível. Neste sentido, o

¹ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em < <http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 29 de abril de 2014.

presente trabalho, surgiu da percepção do universo escolar, onde cada vez mais os educadores deparam-se com as mudanças sofridas na escrita formal, onde a linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida para esta geração net, o que cria uma solução intermediária de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos (RIBAS apud AMARAL, 2003, p. 31).

O método utilizado para coleta de informações foi o da pesquisa bibliográfica. Para alcançar os objetivos pretendidos a pesquisa baseou-se na leitura de artigos de pesquisadores e especialistas no estudo da temática aqui analisada, buscando uma sistematização possível de informações relativas ao objeto de estudo. Para tanto a pesquisa realizou-se a partir da coleta de material de diversos autores sobre o tema ora abordado. Ainda mais, segundo Lakatos e Marconi (1992, p. 44):

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica.

Segundo as autoras supracitadas, uma de suas características principais é dar ao pesquisador uma bagagem teórica variada, contribuindo para ampliar o conhecimento e fazer da pesquisa um material rico sobre o assunto, fundamentando teoricamente o material a ser analisado.

Neste sentido, o trabalho aqui apresentado baseou-se em leitura de livros, artigos, periódicos de modo impresso, eletrônico, etc, recursos estes imprescindível para o processo metodológico na realização da pesquisa conforme Souza (2003, p.59).

O presente trabalho foi subdividido em dois capítulos, com o objetivo compreender a história da escrita e a importância da mesma para a organização do pensamento humano e a apropriação dos espaços sociais, até as mudanças sofridas por ela no universo das novas tecnologias.

O primeiro capítulo apresenta o surgimento da escrita e a importância da mesma como forma de comunicação e organização do pensamento humano, sendo esta considerada por muitos pensadores, a maior invenção da humanidade, capaz de ultrapassar todas as fronteiras.

O segundo capítulo discorre sobre a socialização da escrita, sendo o domínio desta linguagem um ponto marcante da história da humanidade, visto que seu uso desenvolveu a comunicação entre os homens, permitindo assim que os mesmos remontem as barreiras do tempo pela recepção de mensagens. Além disso, o segundo capítulo deste trabalho também discute a facilitação do processo de comunicação e troca de informações, bem como faz menção ao surgimento da escola desde o período feudal e do acesso à mesma apenas por uma pequena classe privilegiada (nobres), até o momento de popularização das escolas, que deixa de ser privilégio de uma certa classe para tornar-se um direito de todos os seres humanos.

Ao término da pesquisa, espera-se contribuir de forma significativa para a compreensão deste novo universo, onde professores tem de estar em sincronia com a velocidade de pensamentos, de escritas, de comunicação dos seus educandos, aceitando as relações subjetivas e de alteridade do novo universo da escrita humana, compreendendo o novo e rompendo os paradigmas através da ressignificação da cultura através da possibilidade de ressignificar a escrita.

2 A ORIGEM DA ESCRITA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO

Segundo Higounet (2003, p.10), uma das grandes “invenções” da humanidade até hoje foi a escrita, que surge a partir da necessidade do homem de criar registros, armazenar dados, enfim, de preservar sua história. Os vestígios mais antigos da escrita são originários da região baixa da antiga Mesopotâmia. Contudo, a humanidade nem sempre dispôs de mecanismo para isso, a mímica e a imitação foram às primeiras formas de ensinar e de se comunicar. As primeiras tentativas de se criar sistemas de escrita aconteceram por volta de 4000 a.C.

Assim, na evolução humana, a utilização dos registros impressos, sejam os pictogramas rupestres, sejam os primeiros símbolos literais dos fonemas, tornaram-se indispensáveis às relações sócio-econômico-culturais. Higounet (2003) observa uma relação inseparável no triângulo história-escrita-homem:

A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p. 59).

Os sistemas mais rudimentares apareceram muito antes que os primeiros alfabetos. Dois milênios mais tarde ganhou forma os primeiros alfabetos. De fato, não podemos atribuir o surgimento da escrita a uma única sociedade. Em épocas bastante próximas, civilizações americanas, os egípcios, chineses e mesopotâmicos começaram a desenvolver seus sistemas de representação gráfica. As primeiras formas de escrita eram simples, com poucos signos e feitas sobre superfícies como argila, pedra ou madeira, desenhos que visavam reproduzir de forma simplificada os conceitos ou coisas a serem representadas. Conforme Higounet (2003), uma segunda fase, a escrita passa a adquirir valores fonéticos e menos signos são necessários para exprimir as ideias de um idioma.

Numa segunda fase a escrita passa a adquirir valores fonéticos e menos signos são necessários para exprimir as ideias de um idioma. O alfabeto surge a partir da decomposição da palavra em sons simples, o primeiro povo a decodificar as palavras em sons e a criar signos para representá-los foram os Fenícios que inventaram um sistema reduzido de caracteres que representavam o som consonantal, característica das línguas semíticas encontrada hoje na escrita árabe e hebraica.

Segundo Cagliari (1992, p. 16), os gregos adaptaram o sistema de escrita fenícia agregando as vogais e criando assim a escrita alfabética. (Alfabeto, palavra derivada de *alfa* e *beta*, as duas primeiras letras do alfabeto grego.) Posteriormente, a escrita grega foi adaptada pelos romanos, constituindo-se o sistema alfabético greco-romano, que deu origem ao nosso alfabeto. Esse sistema representa o menor inventário de símbolos que permite a maior possibilidade combinatória de caracteres, isto é, representação dos sons da fala em unidades menores que a sílaba. Mas até o alfabeto ser inventado, passaram-se 1800 anos na história da escrita. Antes dele, os acadianos, que substituíram os sumérios na Mesopotâmia, escreviam sílabas.

Já os egípcios escreviam basicamente as consoantes das palavras. Por exemplo, se fossem escrever bolo, eles colocariam só as letras BL. Às vezes, quando a escrita era difícil de ser entendida, eles colocavam também o desenho daquilo que estavam se referindo. Alguém poderia achar que BL queria dizer bala, bela, bola ou bula... Esses desenhos que os egípcios usavam são chamados de hieróglifos (CAGLIARI, 1992, p.28).

A escrita então evolui e passa a ser alfabética, e foi o alfabeto fenício arcaico, que surgiu pela primeira vez em Biblos, que deu origem a todos os alfabetos atuais. O alfabeto fenício expandiu-se até o Egito através de colônias fenícias fundadas no Chipre e no Norte da África e, do Egito, este alfabeto foi expandido para as regiões que não sofriam influências fenícias diretas. O alfabeto fenício arcaico foi o mais perfeito e difundido do mundo antigo e é anterior ao séc. XV a.C. Este alfabeto era constituído de 22 signos que permitiam escrever qualquer palavra e sua popularização e sua expansão foi rápida devido à sua simplicidade.

[...] 95% das invenções do homem se realizaram no decorrer do Século XX. Entre os 5% dos tempos antigos, figura o alfabeto fonético de Biblos. A invenção desse alfabeto operou uma revolução. Com menos letras, obtém-se maior precisão e mais clareza. Podemos descrever os sentimentos da alma, analisar o pensamento. As outras escritas não podiam propiciar essa fidelidade absoluta [...] (TOFFLER, 1970, p.8).

Um fato importante para a nossa civilização foi a adoção deste alfabeto pelos gregos em aproximadamente VIII a.C. Os gregos incorporaram neste alfabeto alguns sons vocálicos, e o alfabeto grego clássico que conhecemos é composto de 24 letras, vogais e consoantes. Deste alfabeto origina-se o alfabeto etrusco que junto com o alfabeto gótico da Idade Média (também originário do alfabeto grego clássico) dá origem ao nosso alfabeto latino, que dominou o mundo ocidental devido à expansão do Império Romano. Depois, os gregos usaram o alfabeto semítico e fizeram algumas mudanças para escrever a sua própria língua. Esse processo durou vários séculos. Os etruscos, que moravam no centro da Itália, aprenderam a escrever com os gregos. Mais tarde, os romanos, que tomaram o lugar deles, adaptaram a escrita etrusca para descrever o latim. Isso se deu mais ou menos há 2800 anos.

Nesse momento, o segredo de saber ler estava em conhecer o nome das letras e não mais o que os desenhos significavam. Por isso, os romanos simplificaram os nomes gregos das letras, passando a chamá-las A, BÊ, CE, DÊ... e assim por diante.

No final da Idade Média, o alfabeto latino² começou a ser usado para escrever várias línguas, como o português, o francês, o espanhol e o italiano. Esse alfabeto mostrou-se tão interessante, útil e prático que hoje em dia todas as línguas do mundo podem ser escritas com esse sistema.

² O alfabeto latino se origina de uma versão de um sistema de escrita modificado pelos gregos, anteriormente criado pelos fenícios; - povo semita de origem da costa norte do mar Vermelho –atual Líbano. Utilizam a mesma forma egípcia de organização em cidades-estados, porém, com a evolução de “independentes” entre si, sob administração geral de um único Rei. Este, indicado pelas famílias poderosas. Algumas destas cidades-estados foram: Ugarit, Biblos, Sídón e Tiro. Os fenícios adotavam vários Deuses, politeístas; utilizavam-se de cultos com sacrifícios humanos. Dão início às primeiras navegações, colonizando a costa mediterrânea. A hegemonia fenícia é detida quando de sua conquista pelos romanos. Tudo isto, entre 3000 e 146 a.C.

2.1 A Socialização da Escrita

Segundo Souza (2003), até hoje ninguém sabe explicar direito qual foi a causa principal para a origem da escrita. Quando o povo se conscientizou de sua importância, esta já havia se consolidado ao ser utilizada amplamente.

É difícil precisar qual foi a causa primordial para a criação da escrita, que, provavelmente, não foi a mesma para todos os povos, nem, com certeza, foi somente uma, mas a confluência de várias motivações (SOUZA, 2003, p.163).

Para o autor, é possível afirmar que a invenção da escrita foi um grande avanço para o desenvolvimento da humanidade, pois ela representa as ideias que podem ficar registradas por muitos e muitos anos, diferentemente da fala que, se não for gravada, brevemente se esvai.

Para Schittine (2004), o domínio da língua escrita marca o início da história humana, pois seu uso desenvolveu a comunicação entre os homens, permitindo-lhes remontar as barreiras do tempo na recepção de mensagens, fator que facilitou o intercâmbio de informação, além de ter ajudado muito no desenvolvimento intelectual do ser humano.

Além disso, o domínio da língua escrita marca o início da história humana, pois seu uso desenvolveu a comunicação entre os homens, permitindo-lhes remontar as barreiras do tempo na recepção de mensagens, facilitou o intercâmbio de informação, além de ter ajudado muito no desenvolvimento intelectual do ser humano. Este tem sido, pois, o caráter social da escrita. Sua enunciação deve ser compreendida como uma réplica do diálogo social é a unidade base da língua; trata-se do discurso interior e exterior.

O fim da Idade Média e o início da Idade Moderna é apontado, por Schittine (2004, p. 13), como sendo o início do processo de escrita de si, tal qual conhecemos hoje. Escritas individuais, onde o diário pessoal é um dos maiores representantes desse gênero. Antes disso, esses escritos tinham caráter público como explica Schittine (2004): “Apesar da tradição coletiva inicial dos diários, presente nos livros comunitários e nos diários de bordo, o caráter privado tornou-se um traço forte e conformador da escrita íntima desde o Renascimento europeu” (p. 32).

Ainda em relação a esse momento histórico, Figueiredo e Santi (1997, p. 20) vêm nos mostrar que no Renascimento teria surgido uma experiência de perda de referências, devido à falência do mundo medieval e a abertura do ocidente ao restante do mundo, com isso o homem é lançado a uma condição de desamparo. Essa perda de referências coletivas obriga o homem a construir referências internas: “quando há uma desagregação das velhas tradições e uma proliferação de novas alternativas, cada homem se vê obrigado a recorrer com maior constância ao seu ‘foro íntimo’” (FIGUEIREDO; SANTI, 1997, p. 20). Diante disso pergunta-se: o que leva o sujeito em busca da escrita íntima? Como uma das possíveis respostas, poderíamos citar Matos (2007, p. 29), a qual nos indica que:

Com a modernidade o indivíduo se viu desamparado das explicações de sua existência a partir do divino e se sente diante do dilema de se autoconhecer. A escritura de si funciona como um espelho que possibilita se enxergar pelo avesso.

Nessa perspectiva, é possível comprovar que com a modernização o ser humano sente a necessidade de conhecer-se a partir do divino, diante da crise existencial do ser, procura respostas que estão dentro de si, por não ter a autoconfiança diante dos problemas e das necessidades apresentados para as futuras gerações. Esta preocupação com o futuro é advinda das potencialidades e das competências/ habilidades que cada ser humano possui, como demonstrado por Gardner (1994, p.31).

Com todas essas habilidades os seres humanos procuram se socializar e viver em grupos, com a expectativa de se construir o novo de forma interativa, participativa e dinâmica.

A convivência com grupos adquire uma certeza de que o trabalho pauta-se mais na construção de um vínculo de caráter libertador, fundamentado na confiança e no respeito, do que em discussões formais. Libertador e vínculo, e a relação que permite a expressão das questões pessoais sob as mais variadas formas, que possibilita a descoberta de que é possível somar diferenças que garantam a existência do individual dentro do coletivo, que viabiliza a percepção das contradições pessoais e grupais e a construção de novos caminhos (SERRÃO; BALEEIRO, 1999, p.23).

Quando a escrita foi inventada, há milênios, o ser humano percebeu que na vida cotidiana não dava para socializar isso para as próximas gerações na vida cotidiana. Criou-se, então, a escola.

2.2 Surgimento da Escola

Conforme Pereira e Graça (2012, p.272), a estreita ligação entre a escrita e a escola é algo reconhecido por todos os atores sociais, estabelecendo-se tal relação a diferentes níveis e sob condições distintas. Segundo os autores, um dos conhecimentos escolares mais importantes é a escrita. A escrita é um sistema, ou seja, um conhecimento organizado, com regras, padrões e estruturas. É um conhecimento complexo. Para aprender as várias áreas de conhecimento, na escola, a pessoa precisa se apropriar do sistema da escrita. Aprender a escrever, no entanto, vai, além disso: faz parte da cidadania, é um direito de todo ser humano.

Quando se pensa na dimensão formadora da educação escolar, se precisa considerar que poder escrever, se expressar, entrar em comunicação com o outro, são essenciais para o estudante de qualquer idade. Nesse intento, destacam-se três momentos históricos em que a educação formal assumiu características diversas, até sua institucionalização pela escola pública no último quartel do Século XIX.

Num primeiro momento, no decorrer do período Feudal, a educação institucionalizada estava atrelada à Igreja e voltava-se à formação do clero e dos membros de uma classe privilegiada. As crianças, provenientes da nobreza, eram educadas em seus lares por idade.

Já, num segundo momento, no período de transição do Feudalismo para o Capitalismo, ao tomar o poder, a “revolucionária” burguesia exigiu que, juntamente com vários outros privilégios exclusivos da nobreza feudal, a educação fosse voltada para todos os homens, passando a ser um direito desses, deixando de ser apenas privilégio de classe (COULON; PEDRO,1998). Assim, a educação moderna, historicamente deixou de ser privilégio para se tornar um direito.

O terceiro momento se encaminhou quando a burguesia revolucionária havia se firmado definitivamente no poder como classe dominante e dirigente da sociedade: instituiu-se a educação como um dever. Isso porque o homem dessa sociedade precisava ser educado para se adaptar ao novo modo de produção capitalista e também de acordo com uma nova moral burguesa, ou seja, para manutenção da ordem e do ideário burguês: a propriedade privada. Criou, então, a escola. E ela surgiu basicamente como ela é hoje: um espaço reservado, separado dos espaços da vida cotidiana. A escola até hoje é isso.

No Brasil a origem das instituições escolares pode ser localizada em 1549 com a chegada dos jesuítas que criaram na então colônia portuguesa, “a primeira escola brasileira” (MATTOS, 1958, p. 37). É esse o ponto de partida da história das instituições escolares brasileiras cuja periodização se esboçou nos seguintes termos:

O primeiro período (1549-1759) é dominado pelos colégios jesuítas; o segundo (1759-1827) está representado pelas “Aulas Régias” instituídas pela reforma pombalina, como uma primeira tentativa de se instaurar uma escola pública estatal inspirada nas ideias iluministas segundo a estratégia do Despotismo Esclarecido; o terceiro período (1827-1890) consiste nas primeiras tentativas, descontínuas e intermitentes, de se organizar a educação como responsabilidade do poder público representado pelo governo imperial e pelos governos das províncias; o quarto período (1890-1931) é marcado pela criação das escolas primárias nos estados na forma de grupos escolares, impulsionada pelo ideário do Iluminismo Republicano; o quinto período (1931-1961) se define pela regulamentação, em âmbito nacional, das escolas superiores, secundárias e primárias, incorporando crescentemente o ideário pedagógico renovador; finalmente, no sexto período, que se estende de 1961 aos dias atuais, dá-se a unificação da regulamentação da educação nacional abrangendo a rede pública (municipal, estadual e federal) e a rede privada as quais, direta ou indiretamente, foram sendo moldadas segundo uma concepção produtivista de escola (SAVIANI, 2005, p. 12).

Ao longo de quase quatro séculos, os quatro primeiros períodos, as instituições escolares no Brasil constituíram um fenômeno restrito a pequenos grupos. Foi somente a partir da década de 1930 que se deu um crescimento acelerado emergindo, nos dois últimos períodos, a escola de massa. Apesar do entusiasmo que marcou o início do período republicano com a criação dos grupos escolares, até o final da Primeira República o ensino escolar permaneceu praticamente estagnado, como se vê pelo número de analfabetos em relação à população total, que se manteve no índice de 65% entre 1900 e 1920, sendo que o seu número absoluto aumentou de 6.348.869 em 1900, para 11.401.715 em 1920. Em contrapartida, a partir da década de 1930 a matrícula geral saltou de 2.238.773 alunos (ensino primário: 2.107.617; ensino médio: 108.305; ensino superior: 22.851) em 1933 para 44.708.589 (primário: 35.792.554; médio: 6.968.531; superior: 1.947.504) em 1998 (BRASIL, 2003, p. 106).

Considerando-se que a população do país girava em torno de 40 milhões em 1933, passando a aproximadamente 167 milhões em 1998, conclui-se que, enquanto a população global quadruplicou, a matrícula escolar geral aumentou vinte vezes. Atualmente o número de escola e alunos matriculados cresceu consideravelmente, segundo dados do censo do ano de 2013, o percentual de crianças de 0 a 3 anos matriculadas em creches e de crianças de 4 e 5 anos que frequentam Pré-Escola aumenta a cada ano. Em 2011, o atendimento chegou a 81,7% das crianças de 4 e 5 anos. Entre 2010 e 2011, as matrículas no Ensino Fundamental apresentaram recuo, passando de 31 milhões para 30,3 milhões e apenas 52,25% estão no Ensino Médio, as matrículas no ensino médio em 2013 caíram 0,6% em comparação com 2012, segundo o Censo da Educação Básica de 2013, passando de 8,37 milhões em 2012 para 8,31 milhões no ano passado.

O número de jovens que conseguem chegar à Educação Superior, assim como daqueles que concluem seu curso de graduação, é indicador importante das oportunidades educacionais oferecidas à população e também do progresso dos estudantes ao longo da trajetória escolar até essa etapa. No Brasil, o número de matrículas vem crescendo ano a ano, o que se reflete na melhora da taxa líquida, que, em quase 20 anos, passou de 5,9% em 1995 para 14,9% em 2011.

3 O SURGIMENTO DE TECNOLOGIAS CONSIDERADAS AO CAMPO DA EDUCAÇÃO.

Há milhares de anos os homens já buscavam formas de armazenar, processar e recuperar informações. Antes de surgirem os computadores atuais, muitos conceitos e dispositivos já haviam sido criados. Cada novo invento significou um enorme avanço. Ao longo do tempo, a quantidade de dados aumentou significativamente e exigiu equipamentos com maior velocidade e capacidade de processamento. Desde o início dos tempos o homem teve um enorme desejo de fazer cálculos e armazenar informações para depois recuperá-la e usá-la no futuro.

Qualquer que fosse o motivo, para controlar a quantidade de ovelhas do rebanho, pagar salários dos soldados ou até calcular impostos, exigiam o processamento de informações e a realização de muitos cálculos. O ábaco foi a primeira calculadora da história da humanidade, onde povos muito antigos realizavam cálculos do dia-a-dia, principalmente nas áreas de comércio de mercadorias e desenvolvimento de construções civis.

✓ **Ábaco**³

O ábaco pode ser considerado como a primeira máquina desenvolvida para cálculo, pois este se utilizava de um sistema bem simples e eficiente na resolução de problemas matemáticos. Sua forma consiste basicamente de um conjunto de varetas de forma paralela, onde contém pequenas bolas que realizam a contagem.

Os primeiros registros de utilização do ábaco são datados no ano de 50 a.C., pelos povos que constituíam a Mesopotâmia e posteriormente usado pelas culturas gregas, egípcias, chinesa, indiana, japoneses e babilônios, onde a necessidade da representação matemática fez com que os sistemas de contagem, fossem implementados de uma maneira mais prática. Cada uma dessas culturas possuía uma versão específica da máquina, mas preservando sua essência original. Em Roma, por exemplo, seu nome era “Calculus” termo de onde foi derivada a palavra cálculo.

³ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81baco>>. Acesso em: 13 de maio de 2014.

As operações matemáticas do ábaco eram bastante úteis para soma e subtração, porém para a multiplicação e a divisão não eram muito bem recomendados, mas para algumas versões dotadas de mais complexidade que o padrão, este tipo de cálculo poderia ser realizado normalmente.

✓ **Régua de Cálculo⁴**

Pelos anos de cálculos passados com o ábaco, que foi a ferramenta de cálculo utilizado por muitos anos, alguns intelectuais da época do renascimento necessitavam descobrir maneiras mais eficientes de efetuar cálculos, onde em 1638 d.C., um padre chamado William Oughtred, criou uma tabela muito interessante se baseando nas pesquisas de logaritmos feitas pelo escocês John Napier para a realização de multiplicações muito grande. Nesta época a multiplicação destas enormes quantidades de números era algo muito trabalhoso e demorado e Napier descobriu várias propriedades matemáticas e as deu o nome de logaritmos que tornou seu cálculo, uma tarefa bem simples.

(3) Régua de Cálculo (2) Régua de Cálculo em sua extensão

(4) Régua de Cálculo no formato circular

A ferramenta de William se constituía de uma régua que já possuía valores pré-calculados e organizados de forma que os resultados fossem acessados automaticamente e um ponteiro indicava o resultado do valor desejado.

✓ **Máquina de Pascal⁵**

A régua de cálculos de Willian era útil ainda que pré-definidos os valores, mas não funcionavam para calcular números que não estivessem presentes na tábua. Foi ai que pouco tempo depois em 1642, o matemático francês Bleise Pascal desenvolveu o que pode ser chamado de primeira calculadora mecânica da história, chamada de “Máquina de Pascal”.

A Máquina de Pascal tinha como princípio funcional o uso de rodas interligadas que giravam na realização dos cálculos. A princípio a máquina realizaria

⁴ Disponível em: <<http://reguadecalculo.com.br/main/>>. Acesso em: 02 de março de 2014.

⁵ Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/tecnologia-da-informacao/1697-a-historia-dos-computadores-e-da-computacao.htm>>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

quatro operações matemáticas básicas, o que não aconteceu, pois assim como o ábaco, ela era capaz somente de somar e subtrair, por esse motivo, ela não foi bem acolhida na época. Depois de alguns anos, em 1672, o alemão Gottfried Leibnitz conseguiu o que Pascal não havia conseguido que era criar uma calculadora que efetuava a soma e a divisão, além da raiz quadrada. Apesar de Blaise Pascal e Leibniz terem construído máquinas de calcular estas não se mostraram muito úteis e nem práticas para a época. Só foi a partir da ideia dos cartões perfurados dos teares automáticos de Jacquard que Babbage pôde propor a teoria fundamental do automatismo completo no processo de cálculo. Esta deu origem as máquinas de calcular automáticas, propriamente ditas, programáveis e com um “armazém” de dados já esboçando o conceito de memória no computador.

3.1 Alguns Avanços Tecnológicos Pontuais

O final do século XIX viu, então, um tremendo avanço na construção de máquinas mecânicas de calcular. Pode-se dizer que houve uma otimização dos seus mecanismos, pois se buscava diminuir, através do automatismo interno, o número de alavancas, manivelas e rodas a serem acionada para obtenção do resultado das operações. Os maiores beneficiários e usuários destas calculadoras eram pessoas da indústria e do comércio. Mas eram os engenheiros que estabeleceram um contexto propício para o aparecimento de máquinas de cálculo cada vez mais potentes. O interessante é que pessoas que antes não podiam realizar cálculos complexos e repetitivos poderiam aprender a operar as máquinas e ter acesso aos resultados de forma mais rápida.

O início do século XX viu um uso cada vez maior de vários dispositivos, (geralmente elétricos), entre outros relacionados à comunicação e a transmissão de informações: o telégrafo, o telefone, o rádio e os primeiros computadores.

Com o advento da tecnologia do telégrafo e do telefone as calculadoras mecânicas começaram a utilizar a eletricidade e os relés telefônicos. Três tipos de calculadoras então são típicas até a década de 50 e convivem de modo harmonioso.

✓ **Calculadoras numéricas eletromecânicas⁶:**

- Model 1 do americano George Stibitz
- Harvard MARK 1 do americano Howard H. Aiken
- A série inicial Z do alemão Konrad Zuse

✓ **Calculadoras numéricas eletrônicas⁷:**

- ABC de John V. Atanasoff
- ENIAC construído por J. Presper Eckert e John W. Mauchly

✓ **Calculadoras analógicas⁸:**

- Analisador Diferencial de Vannevar Bush

O contexto histórico deste período (1940-1945) se caracterizava de um lado pela forte demanda imposta pelo exercito em seus cálculos logísticos e de balística e de outro a competição comercial entre os diversos fabricantes. Principalmente por razões militares a velocidade de resolução dos cálculos passaria a ser cada vez mais um parâmetro importante nestas máquinas. Este modo de pensar acabaria por derrotar a tecnologia eletromecânica a despeito da eletrônica das válvulas a vácuo e marcaria o futuro da tecnologia de um modo geral.

As duas Grandes Guerras Mundiais estimularam, ainda que de forma ignóbil, o avanço da tecnologia de computadores. As principais universidades norte-americanas recebiam vultosas somas em dinheiro para desenvolverem seus projetos e muitos cientistas europeus migravam para os Estados Unidos em busca de melhores oportunidades. Apesar disso todo o conhecimento e desenvolvimento dos computadores estava sob o sigilo de guerra e as suas conquistas ainda demorariam a chegar para o grande público. Somente a partir da década de 50 com

⁶ Disponível em: < <http://www.boaaula.com.br/i.olanda/hic/hicma.html>>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

⁷ Disponível em: <<http://www.boaaula.com.br/iolanda/hic/hicma.html>>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

⁸ Disponível em: <<http://www.boaaula.com.br/iolanda/hic/hicma.html>>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

a construção do ENIAC, o primeiro computador digital eletrônico, é que se iniciou a mudança de paradigma das máquinas de calcular para o computador como dispositivo lógico-eletrônico de uso geral, ideia desenvolvida principalmente por John Von Neumann a partir de 1945. A mudança tecnológica de equipamentos à válvula para equipamentos transistorizados permitiu construir máquinas menores, mais potentes e velozes com um amplo leque e de possibilidades de desenvolvimento. O projeto ENIAC constitui-se uma saga com a participação de um conjunto de cientistas fabulosos, além de Neumann, como Alan Turing (inglês) e Norbert Wigner. Turing, além de matemático, foi também um filósofo da mente brilhante segundo seu mais importante biógrafo Andrew Hedges: “Alan Turing ousou perguntar se uma máquina pode pensar... as divisões entre matemática, ciência, tecnologia e filosofia no seu trabalho tendem a obscurecer suas ideias” (HODGES, 2001, p. 27). Ou o próprio Turing descrevendo o termo intuição na obra “On computable numbers”:

O raciocínio matemático pode ser considerado bem esquematicamente como uma combinação de duas faculdades, que podemos chamar intuição e engenhosidade. A atividade da intuição consiste em fazer juízos espontâneos que não são o resultado de linhas de raciocínio conscientes. Tais juízos são frequentemente, mas de forma alguma invariavelmente, corretos (deixando de lado a questão do que se entende por “correto”). Muitas vezes, é possível encontrar a alguma outra maneira de verificar a correção de um juízo intuitivo ... (HODGES, 2001, p. 27).

Em um evento na comemoração dos cem anos do Massachusetts Institute of Technology (MIT) em que participaram, entre outros Norbert Wiener, Claude Shannon, Robert Fano, Licklider fez alguns comentários sobre as discussões acerca do futuro do computador: “Ele irá mediar e facilitar a comunicação entre seres humanos... ajudará-nos a entender a estrutura das ideias, a natureza do processo intelectual” (HAUBEN; HAUBEN, 2002, p.68).

O conceito de computação compartilhada começava a tomar forma a partir de duas necessidades práticas: compartilhar informação e ideias entre os pesquisadores e otimizar o uso de uma máquina de grande porte (mainframe) e poder de processamento. A ideia central era então utilizar de modo eficiente à unidade central de processamento enquanto outras tarefas que não implicavam em interação direta com o usuário fossem efetuadas. Seu maior interesse, segundo Hauben e Hauben (2002), era que as comunidades de pesquisadores e de pessoas

em geral interligadas por redes de computadores trocassem informações e ideias e que combinadas chegariam a soluções mais eficientes para os problemas propostos. Um novo suporte tecnológico para a transmissão e difusão do conhecimento tomava forma e culminaria na interligação de diversas redes de computadores e seria conhecida como Internet, uma rede de alcance mundial e efeito globalizante.

Saindo do surgimento dos computadores e nos transportando até o século XXI, deparamo-nos com uma realidade aparentemente diferente da encontrada na época dos sumérios, mas como naquele tempo, atualmente nossa sociedade está vivendo uma grande revolução, a revolução tecnológica, que acaba exercendo grande influência em nosso comportamento.

A proliferação da Internet no mundo tem mudado - e muito - os costumes da população, inclusive as formas e recursos utilizados para nos comunicarmos. Atualmente, as formas de ler e escrever já não são mais as mesmas. Costa (2005, p.24) destaca que,

Quanto ao processo interativo de produção discursiva na conversação face a face e nas salas de bate-papo (chats) na Internet, com implicações no uso do código escrito e nas escolhas linguísticas mais próprias da linguagem espontânea e informal oral cotidiana, há algumas semelhanças entre ambas as conversações: tempo real, correção on-line, comunicação síncrona, linguagem truncada e reduzida, etc. Mas há também algumas diferenças que, contudo, confirmam o processo simultâneo de construção da linguagem e do discurso. Podemos resumi-las na realidade “real” da conversação cotidiana e na realidade “virtual” da conversação internáutica: interação face a face X interação virtual; espaço real X espaço virtual; comunicação real X comunicação virtual e língua falada X língua falada-escrita.

Atualmente as pessoas se comunicam através da utilização do computador com internet bem como de tablets e telefones com celulares androids dotados de aplicativos que permitem qualquer interatividade em tempo real. Tudo isso através da internet. As pessoas estão se tornando usuários on line cada vez mais. De acordo com Lévy (1994, p.74):

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das comunicações e da Informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação e aprendizagem são capturados por uma Informática cada vez mais avançada.

A internet dispõe de aplicativos sendo a ferramenta mais completa e que oferece informações diversas possibilitando pesquisas e interatividades. A característica mais marcante é o acesso à informação, por isso, diversos aplicativos podem ser utilizados no desenvolvimento de discussões. A World Wide Web, que em português significa “Rede de Alcance Mundial”; também conhecida, popularmente, como Web e www, é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na internet. Através desta rede, é possível desenvolver atividades de leitura e escrita na forma aplicativos que podem ser dotados de sons, hipertextos e imagens. Segundo Moura (1998, p.11),

A Internet, e em especial a World Wide Web (WWW), torna-se um recurso valioso que é necessário aproveitar, tendo especial importância nos projetos de aprendizagem autodirigida. Para além de ser uma excelente fonte de informação, a Internet possibilita a interação com os outros, ou seja, a partilha de opiniões, sugestões, críticas, e visões alternativas.

Assim, podemos usar a internet como uma rede de comunicação da escrita e busca de informações. Moura (1998, p.11) faz uma descrição dessa ferramenta web conhecida como internet:

A rede global de informação, mais conhecida por Internet, alterou a forma de comunicar e aceder à informação. À medida que caminhamos para o final do século, a Internet vai-se afirmando cada vez mais nos diversos espaços da nossa vida contemporânea: política, economia, publicidade, comunicação social, investigação, etc. A Internet assume-se como um novo lugar de lazer, de divertimento, de comércio e serviços, de educação, de investigação, de informação, de comunicação, etc. A Internet vai, cada vez mais, abrangendo as mais diversas áreas da nossa sociedade. A Internet é uma rede mundial de computadores ligados entre si e que usam um protocolo de ligação comum (TCP/IP), partilhando dados da mais diversa ordem. Estar ligado a esta rede global significa ter acesso a um novo mundo de possibilidades, que eram impensáveis há uns anos atrás. A Internet veio revolucionar o nosso mundo de comunicação, possibilitando-nos aceder a bibliotecas, livrarias, universidades, grupos de investigação, professores, etc., dos mais variados cantos do mundo.

Essa prática se evidencia como uma grande ferramenta de comunicação uma vez que o acesso à rede virtual possibilita a interação com usuário de qualquer parte

do mundo através de aplicativos comumente usados: messengers, blogs, flogs, facebook, orkut, twitter e demais redes sociais. Atualmente, há pessoas para as quais a sua vida social ou está centrada ou é, no mínimo, mediada pela Internet e pelas ferramentas nela disponíveis. Segundo Lévy (1994, p.17), a Internet:

Está se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano. O que isso vai se tornar em termos culturais e políticos permanece completamente em aberto, mas, com certeza, dá para ver que isso vai ter implicações muito importantes no campo da educação, do trabalho, da vida política, das questões dos direitos.

No entanto, a expansão da internet inaugurou uma nova era, um momento de transição na comunicação, para este terceiro milênio, através da informática e da difusão da Educação a Distância, aproximando os povos, possibilitando a aquisição e o aperfeiçoamento de cursos e fazendo surgir um novo estilo textual. Não podemos, portanto, negar a influência que esses instrumentos têm sobre a sociedade moderna.

Em cerca de cinco décadas de existência, a Internet e seus recursos tornaram-se imprescindíveis em muitos lares e em grande parte das empresas, nacionais e internacionais.

3.2 As Transformações da Escrita com o Surgimento das Tecnologias

Até hoje ninguém sabe explicar direito qual foi a causa principal para a origem da escrita. Quando o povo se conscientizou de sua importância, esta já havia se consolidado ao ser utilizada amplamente. Deste modo, é difícil precisar qual foi a causa primordial para a criação da escrita, que, provavelmente, não foi a mesma para todos os povos, nem, com certeza, foi somente um a, mas a confluência de várias. O que se pode dizer com total convicção é que a invenção da escrita foi um grande avanço para o desenvolvimento da humanidade, pois ela representa as ideias que podem ficar registradas por muitos e muitos anos, diferentemente da fala que, se não for gravada, brevemente se esvai.

O ensino da Língua Portuguesa nas escolas está direcionado mais especificamente para a escrita. Cagliari (1992, p. 48) afirma que há mais

preocupação com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa. Faz - se necessário mostrar, pois, que a língua escrita é mais uma modalidade da língua a ser aprendida. Não se pode, de forma nenhuma, desprestigiar e desconsiderar as modalidades orais que estão em uso nos diversos segmentos da sociedade, em todos os seus níveis. Nesse contexto, há que se considerar a questão da adequação, cada situação exige, de quem nela está envolvido, comportamento, vestimenta e linguagem adequados.

A modalidade língua escrita sempre ocupou status mais elevado do que a modalidade língua oral entre gramáticos e estudiosos da Língua Portuguesa. Nos últimos anos, no entanto, sociolingüistas e analistas do discurso vêm se dedicando ao estudo da língua oral e sua interferência na escrita. Ao longo de milênios, o livro passou por várias transformações que acarretaram mutações culturais e instauraram diferentes hábitos de leitura. O texto escrito já teve diversos suportes: pergaminhos, códex encadernados e, recentemente, a tela do computador. O texto eletrônico compete com as publicações impressas e parece desestruturar as noções de autor, leitor e editor no século XXI (CHARTIER,1998). A passagem do papel para o cristal líquido chama a atenção de pesquisadores e suscita diversos debates.

Uma das preocupações que surge é quando todas essas tecnologias passam a influenciar algumas das atitudes dos adolescentes, já que, segundo Fasciani (1998, p.119), “nenhum instrumento ou tecnologia inventada pelo homem pode ser intrinsecamente positivo ou negativo, certo ou errado, útil ou perigoso. É só a utilização que disso se faz que pode ser julgada com regras éticas.” Acreditamos que o público, ao utilizar cada vez mais a internet para se comunicar, principalmente os chats, aos poucos vai ficando com seu raciocínio limitado, já que o discurso utilizado nas salas de bate-papo caracteriza-se por frases curtas e abreviações, sendo que a utilização frequente dessa linguagem pode interferir nas produções realizadas pelos adolescentes na sala de aula. Nesse momento nos deparamos com questionamentos que nos fazem pensar sobre até que ponto a influência é saudável e não surge como um empecilho no processo de alfabetização.

Na frase: “– Og v6s naum tm 9da10?”, temos um exemplo da linguagem utilizada nas salas de bate-papo, e o leitor consegue interpretar o que está escrito, uma vez que está lendo como se estivesse ouvindo. Ele sabe que esse código significa: -“Hoje vocês não tem novidades?”. Porém, no momento de escrever de

maneira formal, podem surgir erros de gramática, já que, conforme Freitas (2005, p.13),

A maioria das características do pensamento e da expressão fundadas no oral é relacionada com a interiorização do som. As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão. As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais; o som se reduz ao registro escrito.

Uma frase escrita conforme o exemplo acima não apresenta mais a maneira formal da escrita e, sim, um novo símbolo e, agora, a visão não é mais suficiente no momento de interpretá-lo e inseri-lo em suas produções textuais, pois no código “Og” não é possível identificarmos o tipo de letra correta para transformá-lo na palavra “Hoje”. Considerando que, no ambiente virtual a compreensão se dá principalmente através da fonética, é preciso refletir sobre a extensão dessa alternativa de percepção, para poder avaliar/analisar sua influência sobre a produção textual.

A escrita está presente em nosso dia-a-dia, seja em uma carta, uma notícia lida em revista ou jornal, no bilhete da geladeira ou então, naquele e-mail que recebemos ou enviamos, por isso ela tornou-se cada vez mais importante e prioritária para nossa existência, já que agora também nos comunicamos através da escrita, ainda que de maneira diferente daquela feita através das cartas “Sim, pela primeira vez nossa humanidade já tão velhinha, as pessoas estão se conhecendo primeiramente pela palavra escrita. E lida, é claro. [...] Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto. E amou tanto” (FREIRE, 2003, p. 22).

A evolução da escrita trouxe consigo seus benefícios, mas também algumas preocupações, principalmente em se tratando da formação de adolescentes, pois esse público está em fase de amadurecimento pessoal, construindo valores que farão parte da sua personalidade, e as influências ao seu redor muito contribuem, de forma positiva ou negativa, nessa formação. Com isso, pensamos que, a comunicação através dos ambientes virtuais pode ser uma vilã para um aumento do analfabetismo, já que nos diálogos utilizados nos ambientes virtuais, deparamo-nos

com uma realidade até pouco tempo desconhecida. Othero (2004, p. 23) enfatiza que:

Uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet. Como a conversa é em tempo real e pode se dar com mais de um usuário ao mesmo tempo, é preciso escrever rapidamente.

A revolução na escrita veio para ficar, pois é ágil, acontece de forma instantânea e surpreende tanto os que a idolatram, quanto àqueles que a veem como um perigo, pois para esses, esta escrita pode ser prejudicial aos alunos em fase de alfabetização. Conforme comentado anteriormente, a internet está transformando os hábitos da população mundial. Assim ocorre igualmente com nossas formas de comunicação, que agora passa a ser também virtual. Lévy (1994, p.15) destaca que:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente.

Um componente muito interessante da linguagem dos internautas são os emoticons, que são símbolos que representam os sentimentos e o tom de quem está falando. Nem todos os internautas fazem uso desse recurso. Os quadros abaixo apresenta uma relação com a maioria dos emoticons conhecidos:

QUADRO 1

<p>X-) Com vergonha ou tímido</p> <p>:-) Estou feliz</p> <p>B-) Estou feliz e de óculos</p> <p>:-(Triste ou com raiva</p> <p>:)))) Estou gargalhando</p> <p><:-) Você fez perguntas bobas</p> <p>(:-... Mensagem de partir o coração</p> <p>:-/ Estou perplexa</p> <p>:-0 Estou impressionada</p> <p>:-P Dando língua</p> <p>(:-(Estou muito triste</p> <p>:-x Mandando beijo</p> <p>:-D Rindo</p> <p> -(de madrugada</p> <p>:'-(Chorando</p> <p>:-o Oh,não!!</p> <p>[]'s abraços)</p> <p>:- zangado</p> <p>(;-) careca</p> <p>:-) feliz</p> <p>:-(triste</p> <p>B-) Batman</p> <p>:-> barbudo</p> <p>%+(espancado</p> <p>R-)óculos quebrado</p>	<p>:^) nariz quebrado</p> <p> :-) sombrancelhas espessas</p> <p>< -) chinês</p> <p>:-t mal -humorado</p> <p>X-) estrábico</p> <p>:'-(chorando</p> <p>i- detetive</p> <p>:-e desapontado</p> <p>:-)' babando</p> <p><:-) pergunta estúpida</p> <p>>:-) sorriso malicioso, maldoso</p> <p>:''-(inundação de lágrimas</p> <p>/:-) francês</p> <p>::-) usuário de óculos</p> <p>_m(o_o) m_ Espiando por cima do muro</p> <p>:-} + :-) = ()> Vamos tomar um chopinho</p> <p>:-') resfriado (1)</p> <p>:*') resfriado (2)</p> <p>:- hmmmph!</p> <p>:-C queixo caído</p> <p>:-# beijo (1)</p> <p>:-* beijo (2)</p> <p>:+) nariz grande</p> <p>:-D gargalhando</p>
<p>:-} olhando maliciosamente para alguém</p> <p>(-: canhoto</p> <p>:-9 lambendo os lábios</p> <p>:- macaco</p> <p>:-{ bigode</p> <p>(-) precisando de um corte de cabelo</p> <p>:^) nariz deslocado</p> <p>=:-) punk</p> <p>:-" lábios franzidos</p> <p> :] Robocop</p> <p>O:-) santo</p> <p>:-@ gritando</p> <p>:-O chocado</p> <p>:-V berro</p> <p> -) dormindo</p> <p>:-i fumante (1)</p> <p>:-Q fumante (2)</p> <p>:-6 gosto azedo d a boca</p> <p>:-V falando</p> <p>*-) drogado</p> <p>:-T lábios selados</p>	<p>:-p língua na bochecha, brincadeira</p> <p>:-/ indeciso</p> <p>:- < vampiro</p> <p>:-)) muito feliz</p> <p>:-((muito triste</p> <p>:-c muito infeliz</p> <p>d:-) usando boné</p> <p>[:-) usando headfones</p> <p>:-(#) usando aparelho dentário</p> <p>;-) piscando</p> <p>:-7 sorriso irônico</p> <p>I -O bocejando</p> <p>@}—enviando uma rosa para alguém</p> <p>_,,,^._.^,,,_ Espiando por cima do muro</p>

Fonte: MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. Internet.br, Rio de Janeiro, p. 32-35, novembro 1998.

Ainda conforme a netiqueta⁹, a expressão de sentimentos diversos também está sempre presente nas comunicações, e isto fica evidente com o uso de emoticons¹, e os sinais gráficos tradicionais (?!..”).

FIGURA 1



Aparência dos emoticons que contribuem na comunicação on line. Fonte: www.google.com/imagens.

3.3 Inclusão das Tecnologias nas Salas de Aula

A Internet e as novas tecnologias estão trazendo novos desafios pedagógicos para as escolas. Uma das reclamações generalizadas de escolas e universidades é de que os alunos não aguentam mais nossa forma de dar aula. Os alunos reclamam do tédio de ficar ouvindo um professor falando na frente por horas, da rigidez dos horários, da distância entre o conteúdo das aulas e a vida.

⁹ Netiqueta (do inglês "network" e "etiquette") é uma etiqueta que se recomenda observar na internet. A palavra pode ser considerada como uma gíria, decorrente da fusão de duas palavras: o termo inglês *net* (que significa "rede") e o termo "etiqueta" (conjunto de normas de conduta sociais). Trata-se de um conjunto de recomendações para evitar mal-entendidos em comunicações via internet, especialmente em e-mails, chats, listas de discussão, etc. Serve, também, para regrar condutas em situações específicas (por exemplo, ao colocar-se a resenha de um livro na internet, informar que naquele texto existem spoilers; citar nome do site, do autor de um texto transcrito, etc). Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Netiqueta>>. Acesso em: 06 de maio de 2014.

O computador trouxe uma série de novidades, de fazer mais rápido, mais fácil. Mas durante anos continuou sendo utilizado mais como uma ferramenta de apoio ao professor e ao aluno. As atividades principais ainda estavam focadas na fala do professor e na relação com os textos escritos.

Hoje, com a Internet e a fantástica evolução tecnológica, podemos aprender de muitas formas, em lugares diferentes, de formas diferentes. A sociedade como um todo é um espaço privilegiado de aprendizagem. Mas ainda é a escola a organizadora e certificadora principal do processo de ensino-aprendizagem. Ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias.

As tecnologias começam há estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. A população escolar precisa ter oportunidades de acesso a esses instrumentos e adquirir capacidade para produzir e desenvolver conhecimentos utilizando a TIC. Isto requer a reforma e ampliação do sistema de produção e difusão do conhecimento, possibilitando o acesso à tecnologia. Entretanto, o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas (MORAES, 1997, p. 45).

3.4 A Introdução da Mídia Digital nas Escolas Brasileiras

No final da década de 80, a internet iniciou, no Brasil, como rede acadêmica. Segundo Souza (2003), o Ministério da Educação e Cultura (MEC), editou, em 1989, uma portaria visando o incentivo da capacitação de professores, técnicos e pesquisadores no domínio da tecnologia computacional. O MEC viabilizou computadores para as escolas públicas e desenvolveram os projetos nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, capacitando os professores, proporcionando-lhes, além de um novo suporte técnico, condições de produzir conhecimento de forma autônoma e crítico-reflexiva. Os estados e municípios custearam o treinamento dos professores e a adequação das escolas para receberem os computadores. Antes de

o governo viabilizar condições de acesso à Informática nas escolas públicas, as escolas particulares já haviam providenciado tal prática. Atualmente, as escolas públicas da Paraíba estão inseridas na cultura digital.

A Internet tem sido muito explorada para a construção do conhecimento de forma crítica e autônoma. Ela tem sido um ambiente propício para a criação de novas linguagens. A perspectiva da linguagem como forma de interação é significativa na ciber cultura. Práticas interacionistas demonstram o caráter da intersubjetividade, sob padrões eminentemente dialógicos de comunicação. A interação tende a provocar mudanças tanto no locutor quanto no receptor. A colaboração propiciada pelas redes começa a serem explorada para o estabelecimento de "comunidades educacionais eletrônicas", que podem envolver administradores, pesquisadores, professores e alunos, criando ambientes onde se desenvolve, não só a compreensão de outras culturas, mas também a cooperação, até em nível internacional, em pesquisa e educação. Um dos problemas é que os professores e alunos têm pouco acesso a computadores ligados em rede, e ainda há um grande número de questões não respondidas sobre a efetividade do uso das redes em educação.

3.5 A Escrita Digital da Internet

Conforme Xavier (2002), o crescente acesso de pessoas à rede mundial de computadores e o surgimento de vários gêneros digitais têm possibilitado a criação de uma maneira diferente de lidar com a escrita e suas normas gráficas. A escrita utilizada principalmente pelos adolescentes nos e-mails, salas de bate-papo e agora nos weblogs abre uma série de discussões sobre se questão se a mesma prejudica a aprendizagem da notação escrita alfabética na escola. Outro ponto levantado pelo autor acima citado é buscar entender por que muitos deles escrevem e se comunicam com fluência por meio destes gêneros digitais, mas apresentam desinteresse pelas atividades de escrita na escola e até dificuldades de produzir os gêneros textuais propostos pelo professor na sala de aula.

Segundo Tapscott (1999), o número de adolescentes que estão crescendo na rede, têm assumido alguns comportamentos que, estão se projetando diretamente no uso da língua, tais como:

- 1) **Imediatismo interacional** - relacionado à tolerância ao diferente e autonomia na aprendizagem;
- 2) **Imediatismo interacional** - voltado à grande vontade de participar de debates acalorados e assim identificar-se com um conjunto de pessoas que compõem uma certa comunidade a qual pertence ou deseja pertencer leva o indivíduo a buscar mecanismo que lhe possibilitem essa identificação;
- 3) **Autonomia de aprendizagem** - de acordo com a qual os adolescentes são beneficiados pela liberdade de expressão e pela tolerância ao diferente, eles vão testando novas formas de verbalização, regulando o formato de sua escrita a cada nova situação de comunicação verbal. Aprendem sozinhos, sem manuais ou professores, a usarem de modo eficiente os mais recentes gêneros derivados das inovações tecnológicas.

Diante desta análise, atualmente, pode-se dizer que a internet é essencialmente um espaço de produção de linguagem, que predomina nas páginas digitais da Internet ainda é a linguagem verbal na modalidade escrita da língua.

Segundo Xavier (2002), por ter nascido e ser socializado pela Cultura Escrita e sob a tradição do livro, que goza do prestígio de ser um símbolo de cultura e erudição, é natural que ainda predomine nas páginas digitais a palavra escrita, o verbo, em detrimento da imagem e da sonoridade. Contudo, a convergência de mídias viabilizada pelo computador pode levar à dúvida de saber se realmente a escrita continuará a ser a forma de expressão humana a predominar neste mais novo suporte de leitura – a tela digital.

Conforme Hobsbawm e Ranger (1984), a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Assim, como no surgimento da escrita, a linguagem era utilizada através de códigos. Hoje, com o surgimento das tecnologias, os códigos voltam a ser utilizados pela maior parte dos usuários.

Os autores acima citados, também afirmam que mais interessante é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer

sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. As vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas. Os autores nos chamam atenção, ainda, para o poder que nós temos, em nossas culturas, de ressignificar. Sendo assim, o uso da Internet hoje poder ser visto como uma possibilidade de ressignificação. Com isso, torna-se possível afirmar que, assim como na natureza, tudo envolve ciclos. Na utilização da escrita acontece o mesmo: o que era utilizado no surgimento da escrita, volta com toda força a ser utilizado pelas novas gerações, só que agora de outras formas e através de novos meios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se a linguagem como forma de comunicação entre os homens, é evidente que os estudos da língua já não podem mais estar amparados apenas nos campos da morfologia, da fonética e da sintaxe frasal, visto que inúmeros fatores contribuem para essa nova forma de comunicação sendo a rapidez na veiculação das informações; o aumento da informalidade, o que leva à midiatização da informação. Nota-se ainda que as relações entre os usuários da internet têm se intensificado, pois as pessoas estão cada vez mais conectadas e, geralmente se comunicando virtualmente através das redes sociais.

É preciso considerar as mudanças que a inserção das novas tecnologias produzem na relação linguística, privilegiando a interação de jovens e crianças com elas, através da apropriação crítica das novas linguagens, de modo a impedir uma nova roupagem para velhas práticas, evitando a exclusão pura e simples dos novos códigos. A língua é uma instituição viva, presente no cotidiano e em constante transformação. Dessa forma, a língua não se deteriora, mas se transforma adquirindo novos elementos e pondo outros em desuso. Esse é um processo natural que faz com que as línguas evoluam e acompanhem as transformações sociais, econômicas e culturais dos povos. A língua escrita e quase falada dos internautas é mais uma das inúmeras variantes de uso da língua portuguesa. Não há dúvida de que este segmento pode influir nas futuras transformações pelas quais a língua irá passar nos próximos anos.

Ao demonstrar que os receios de alguns educadores, no sentido de que a linguagem virtual possa interferir negativamente na linguagem convencional, consideramos que não têm fundamento; reforça isso também o fato de que os usuários das redes sociais apresentaram melhor desempenho nos fatores de textualidade que devem compor a escrita, em comparação aos não usuários. Assim, é preciso mudar a postura do professor, uma vez que ele precisa se tornar um mediador, coordenador de roteiros seguros e eficientes para a construção do conhecimento do aluno-navegante.

Esse trabalho apresenta um valor importante, exercendo uma influência considerável sobre a motivação e também sobre a atuação docente. Vale a pena, então, tentar compreender o sentido histórico da escrita, bem como do surgimento das tecnologias, até hoje e determinar as características que ela deve apresentar a fim de que tenha um sentido para aqueles que o utilizam.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Sérgio Ferreira. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (coord). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

CAGLIARI, L. E. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1992.

CHARTIER, R. Língua e leitura no mundo digital. In: **Os desafios da escrita**. São Paulo: Edunesp, 1998.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COULON, Olga M. A. Fonseca; PEDRO, Fábio Costa. **A PRÉ-HISTÓRIA - História: Pré-História, Antiguidade e Feudalismo**, 1998. Disponível em: <<http://www.hystoria.hpg.ig.com.br/prehist.html>>. Acesso em: 01 mai. 14.

FASCIANI, Roberto. Novas tecnologias informáticas, mass media e relações afetivas. In: PELUSO, Angelo (Org). **Informática e Afetividade: A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos?** Bauru: EDUSC, 1998.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREIRE, Fernanda M. P. A palavra (re)escrita e (re)lida via Internet. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (coord). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIREDO, L. C. M; SANTI, P. L. R. **Psicologia: uma (nova) introdução**. São Paulo: EDUC, 1997.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HAUBEN, Michael; HAUBEN, Ronda. **Internautas: Na história e impacto da Usenet e na Internet**, 2002. Disponível em: < <http://www.columbia.edu/~rh120>>. Acesso em: 02 mai. 14.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003 .

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HODGES, Andrew. **Turing**: um filósofo da natureza. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LAKATOS, Maria Eva; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MATOS, M.C.R. **O acaso do discurso, o discurso do acaso**: práticas de escrita de si nos blogs. Dissertação de Mestrado. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. Minas Gerais, 2007.

MATTOS, Luiz Alves de. **Primórdios da educação no Brasil**: O Período Heroico: (1549-1570). Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1958.

MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. **Internet.br**, Rio de Janeiro, p. 32-35, novembro de 1998.

MORAES, M.C. **Paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papyrus, 1997.

MOURA, Ruy Manoel. **A Internet na Educação**: um contributo para a aprendizagem Autodirigida. Inovação, 1998, p.11,177-129. Disponível em: <<http://rmoura.tripod.com/internetedu.htm> >. Acesso em: 23 de abril de 2012.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo**: uma visão linguística de nosso idioma na era digital. Novo Hamburgo: Othero, 2004.

PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. A neutralidade axiológica em Max Weber: crítica e convergência de uma debate. Revista Espaço Livre, vol. 08, n. 15, jan/jul 2013. Disponível em: <<http://revistaespacolibre.net/el15.pdf>> Acesso em: 24 de abril de 2014.

PEREIRA, L.A.; GRAÇA, L. O trabalho com a escrita na escola: modos de (des)envolvimento e propostas de didactização nos 1^{os} ciclos de ensino. **EXETRA Revista Científica**. ESEC, Número Temático, Dez. 2012. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/22-numero-tematico-2012.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2014.

SAVIANI, Dermeval. História da escola pública no Brasil: questões para pesquisa. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M.I.M. (Orgs.). **A escola pública no Brasil**: história e historiografia. Campinas, Autores Associados, 2005.p. 1-29.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: Comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FTD, 1999.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Escrevendo e Normalizando Trabalhos Acadêmicos**: Um guia Metodológico. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital**. São Paulo: Makron Books, 1999.

TOFFLER, Alvin. **Choque do futuro**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1970.

XAVIER, Antonio C. S. **O Hipertexto na sociedade da informação** : a constituição do modo de enunciação digital . Tese de Doutorado. Universidade Federal de Campinas, 2002.